

Macunaíma: uma releitura no momento global

Nízia Villaça*

RESUMO

O artigo discute a oportunidade de retomar a leitura de Macunaíma, de Mário de Andrade, levantando questões ligadas à antropofagia, mestiçagem e hibridização para enfocar o par global/local neste final de milênio, quando se corre um duplo risco: a existência de um darwinismo tecnológico e o ressurgimento de movimentos fundamentalistas.

Palavras-chave: global/local; hibridismo cultural; antropofagia.

SUMMARY

This article discusses the opportunity to reread Macunaíma, by Mário de Andrade, raising questions associated with antropophagy, the mingling of races and hybridism to focus on the pair global/local in the end of the millenium, when it is run a double risk: the existence of a technologic Darwinism and the reemergence of fundamentalist movements
Keywords: global/local; cultural hybridism; antropofagia.

RESUMEN

El artículo discute la oportunidad de retomarse la lectura de Macunaíma, de Mário de Andrade, planteando cuestiones relacionadas a la antropofagia, mestizaje e hibridismo para enfocar el par global/local en este fin de milenio, cuando se sufre un doble riesgo: la existencia de un darwinismo tecnológico y el resurgimiento de movimientos fundamentalistas.

Palabras-llave: global/local; hibridismo cultural; antropofagia.

“**V**eja bem: abrasileiramento do brasileiro não quer dizer regionalismo nem mesmo nacionalismo. O Brasil para os brasileiros não é isso, significa só que o Brasil, para ser civilizado artisticamente, entrou no concerto das nações que hoje em dia dirigem a civilização da terra, tem de concorrer para esse concerto com a sua parte pessoal, com o que singulariza e individualiza, parte essa única que poderá enriquecer e alargar a civilização”.

Mário de Andrade

Em tempos de globalização, de velocidade crescente dos mecanismos de informação e comunicação, de autonomização dos processos financeiros, na esteira dos grandes complexos transnacionais, crescem os debates sobre as tendências neoliberais “democratizantes” e o papel a ser desempenhado pelo que tradicionalmente se entendia por nação.

Perguntamo-nos sobre o que possa representar hoje o conceito de cidadania e o contrato de cada indivíduo com seu país de origem ou adoção. O que é o Brasil, o que é ser brasileiro?

A interrogação sobre a questão identitária parece comum ao imaginário latino-americano e é neste contexto que se constroem alianças e pactos, como o Mercosul, que funcionam no limite das especificidades nacionais e da participação num processo de planetarização. Tais tratados, na defesa de interesses econômicos, na tramitação de acordos comerciais, parecem não enfatizar a questão cultural, determinante para a manutenção do caráter de cada nação quando este não é mais territorial e fundacional, mas construído em níveis mais complexos.

Como bem sublinha Nestor Garcia

Canclini (1996), a reflexão atual sobre a identidade e a cidadania precisa situar-se em relação a vários suportes culturais, e não só em termos de folclore, ou de diversidade política, como ocorreu nos nacionalismos do século XIX e início do século XX.

Nesse sentido, a antropologia encontra dificuldades hoje em ocupar-se da transnacionalização, da globalização e de situações de interculturalidade. Quando a circulação cada vez mais intensa de pessoas, capitais e mensagens nos põe em contato simultaneamente com várias culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva à comunidade nacional ou à ótica da diferença. Impõem-se a questão da hibridização e a necessidade de uma visão transdisciplinar.

É seguindo esta trilha que, a partir do movimento antropofágico dos anos 20 e da obra de Mário de Andrade, Macunaíma, gostaríamos de retomar a discussão sobre o nacional, marcando a diferença do que estamos chamando de hibridização frente aos processos de mestiçagem e sincretismo que caracterizaram diversas narrativas sobre nossa identidade, alterando versões negativas e paradisíacas.

Embora Gilberto Freyre, em Casa-Grande & Senzala, utilize indistintamente os termos hibridização e mestiçagem, faremos aqui uma distinção entre as duas estratégias, revisitando Macunaíma.

A mestiçagem parece estar atrelada a um imaginário de um Brasil passivo, onde tudo está à espera da predisposição estrangeira, especialmente portuguesa, para as misturas que viriam equilibrar a sensualidade negra ou a preguiça indígena. O termo hibridização oferece maior capacidade de abarcar misturas interculturais, enquanto que mestiçagem

refere-se sobretudo a raças e sincretismo. Indica geralmente fusões religiosas ou movimentos simbólicos tradicionais. A palavra hibridização, como acentua Canclini, é mais versátil para dar conta tanto destas misturas "clássicas" quanto dos entrelaçamentos contemporâneos entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo.

O que se quer acentuar com a idéia de hibridização é a discussão da brasilidade como identidade propriamente cultural e processual, supondo uma atividade constante na metabolização do par global/local.

Canclini sublinha o processo de construção da identidade como cultural e ativo, fugindo às leituras naturalistas e idealizadas que privilegiaram o cenário edênico do "em se plantando tudo dá" (1997). Para o autor, a identidade é algo que se narra. Inicialmente são os acontecimentos fundadores, relacionados geralmente à apropriação de um território, à conquista da independência. Tais discursos encontraram seus dispositivos de formulação de identidade nacional nos livros escolares e museus.

Numa etapa posterior, ao rádio e o cinema contribuíram para organização dos relatos de identidade e cidadania,

com a crônica da cultura do dia-a-dia, que distinguia os diferentes povos e paralelamente promovia meios de adaptação para os imigrantes.

Nos anos 60, o cinema contribuiu para a estruturação do imaginário desenvolvimentista, como um agente de inovações tecnológicas. Como os meios provinham predominantemente de capitais nacionais, mesmo os atores mais internacionalizados de então – a TV e a publicidade – incitavam-nos à valorização do produto nacional.

A crise identitária vai se aguçar nos anos 80 com a abertura dos mercados e os processos de integração regionais e globais que reduziram o papel das culturas nacionais. Passamos, assim, a depender dos grandes centros onde as decisões são tomadas. Sai-se da fantasia da identidade para a construção da identidade.

A antropologia acostumou-se a tratar das questões identitárias a partir do critério de distinção dos grupos no contato cultural. Canclini acentua que a situação atual de interculturalidade implica, pela velocidade e quantidade de informações, pelas maneiras desiguais de apropriação simbólica, não apenas a diferença, mas também a hibridização. Identidade po-

liglota, multiétnica, migrante, feita de mesclas de várias culturas. Se grande parte da produção artística e de massa ainda circula apenas no âmbito nacional, consagrando a identidade regional, um setor sempre mais vasto de criação da difusão e da recepção da arte se realiza de modo desterritorializado, produzindo as obras como citação transcultural, individualizando eixos que atravessam as fronteiras.

O momento atual da cultura latino-americana, "onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar" (1997), configura uma heterogeneidade multitemporal, na qual imagens pré-colombianas são veiculadas por artistas, misturadas às da indústria cultural e reelaboradas por computadores. Um olhar sobre estes circuitos híbridos de produção cultural ilumina também os processos políticos, com os quais nos deparamos, com a mistura da democracia moderna e de estruturas arcaicas de poder, de instituições liberais e de hábitos autoritários.

A narrativa da identidade vista por Lezama Lima (1988) também nos oferece pistas para pensar a hibridização como dinâmica oposta à visão naturalista da mestiçagem.



O autor vai longe em suas especulações sobre identidade nacional, com um olhar que nega a história linear de cunho hegeliano para apostar num imaginário que se contrapõe a mitos, folclores, começando uma nova cultura em cada espaço de análise. Sua visão não privilegia a racionalidade abstrata, mas o conhecimento erótico/sensual, o corpo, seus perceptos e afetos. Constrói-se uma “fábula intertextual” que compendia o devir americano como uma era imaginária que soma e transforma fragmentos de outros imaginários. Registra a forma deste devir produzido pelo diálogo entre os textos americanos e os de outras culturas, atribuindo ao trabalho crítico o papel de assinalar as semelhanças e diferenças entre eles. Surge a história como ficção. O autor retira dos mitos cosmogônicos, crônicas, ritos sociais, literatura, lendas biográficas, artes ou política, uma constelação de personagens exemplares da expressão americana: heróis cosmogônicos, o Senhor Barroco, o Rebelde Romântico, o homem dos começos.

O sintagma se constitui circularmente. O epílogo reproduz o começo, que é semelhante sendo diferente, de acordo com variantes epocais, regionais ou sociais do universo cultural americano. A tônica destas dramatis personae é a poiesis demoníaca, patente no vocabulário-faústico, sulfúreo, plutônico luceferino, tendo a imagem do homem americano com “uma rede de imagens que recortam a astúcia e a magia, a curiosidade e o prazer, a apetência e a devoração, a rebeldia e a liberdade, a malícia e o engenho”. Este dado demoníaco estrutura um pensamento crítico na fuga da dominação teórica dos grandes centros.

A imagem americana de Lezama difere das imagens etéreas com que Rodó identificou a América Latina ou que Otávio Paz detectou em sua visão da fundação do México. Seu americano é uma espécie de Caliban, que poderíamos aproximar do Macunaíma de Mário de Andrade.

O pensamento de Lezama mesmo no que toca aos Heróis cosmogônicos, nunca é puro: não há indigenismo nostálgico.

O personagem “Senhor Barroco” configura o grande eixo do pensamento de Lezama, o qual subverte a historiografia de corte nacionalista, que fixava no romantismo e nos movimentos de independência da Espanha ou de Portugal o nascimento literário ou artístico latino-americano. O barroco será, assim, um autêntico come-

ço, por constituir uma síntese hispano-indígena e hispano-negróide.

Esta visão de Lezama Lima aponta para uma “mestiçagem barroca, lúdica”, diferente da mestiçagem idealizada ou da mestiçagem do naturalismo do final do século XIX e sua teoria do branqueamento. A propósito da época naturalista é oportuno lembrar a teoria racial de Silvio Romero (apud Ventura, 1991, p.66), que marcou dois intérpretes do Brasil que partiram de facetas distintas de sua obra: Oliveira Viana, em *Evolução do povo brasileiro*, 1923 (visão arianista), e Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, 1933 (valorização da miscigenação como mitologia da identidade nacional).

O que gostaríamos de marcar com Macunaíma, de Mário de Andrade, é justamente a fuga à idealização romântica ou à crítica racista do final do século ou mesmo ao pensamento de mestiçagem identitária de um Gilberto Freyre. Macunaíma inaugura uma postura ativa do brasileiro em confronto com a influência estrangeira, apelando, mais que para uma realidade natural dada, para um demonismo mágico, fábrica de mutações. Daí a obra de Mário poder alinhar-se no que Lezama chama de “mestiçagem barroca” e poder ser reutilizada no momento atual para pensar o produto híbrido. O “tupi or not tupi” do Manifesto Antropofágico de Oswald a rigor não é a tônica do discurso de Mário que, não sendo um manifesto, é mais plástico nas diversas negociações.

O livro de Mário de Andrade possui diferenças e semelhanças com o pensamento de Lezama Lima. Semelhanças no momento em que a viagem do herói não se limita ao Brasil, estendendo-se a outros países da América Latina, abrindo para uma realidade americana, o que é interessante para a época. Semelhanças também pelo fato de colocar como contraponto culturas européias, como a francesa ou a italiana. No entanto, enquanto Lezama vê a cultura européia como a matriz paradigmática de nossa cultura, Mário trabalha com a quebra das continuidades e com uma tática de tradução da cultura estrangeira.

Construído no cruzamento de diversos significantes, textos e culturas, Macunaíma escapa das classificações na sua forma rapsódica. Contribuíram para sua arquitetura textos clássicos das literaturas portuguesa e brasileira, relatos etnográficos, mitos indígenas, contos da literatura folclórica, cantigas de reza,

provérbios, anedotas, costurados numa linha narrativa que se configura como busca, produção e perda. Aí a literatura assume plenamente o sentido que lhe atribui Rancière (1995). Lugar de combate, lugar de constante apropriação que, pela insistência, fala do luto da Voz perdida. Michel de Certeau (1994), referindo-se à economia escriturística, aponta com propriedade a narrativa de Robinson Crusóé como modelo do desejo de ordenação, de banimento do outro. O personagem Sexta-feira representa a alteridade que insiste em criar estranhamento com o rastro de suas pegadas e que deverá ser eliminada através da nomeação.

Os movimentos de busca de identidade nacional sempre se caracterizaram pelo desejo de unificação, de banimento do outro, seja por um exotismo paradisíaco, encenado por exemplo no romantismo, seja por um exotismo mestiço que, no limite, perdia a abertura das diferenças para encarnar um mito.

Bem diversa é a estratégia de Macunaíma, em que, mais que antropofagia como exclusão de alteridade, tem-se agenciamentos de diferenças, trabalhando o espaço do entre, num jogo onde o risco é sentido que vai se instalando.

É sintomático o uso sistemático da paródia. Logo na abertura da rapsódia, o estilo, de sabor primitivo, ao mesmo tempo religioso e épico, brinca com os primeiros parágrafos do segundo capítulo de *Iracema*. Enquanto a Índia tabajara se distingue por sua beleza solar, Macunaíma é o feio, escuro. À leveza e à rapidez da mítica indígena contrapõe-se a preguiça do herói andradino. Na atitude paródica, a identidade se dá como intertextualidade. Hipertexto.

A “Carta às Icamíabas” também se inicia com uma paródia camoniana e estabelece em seguida a identidade das Índias no diálogo com as francesas. O mesmo sucede em Macunaíma com a tradução da cidade de São Paulo a partir das referências da selva: o personagem pensa que um elevador é um macaquinho (sagüi), que as buzinas dos carros eram piados ou berros de bichos e não máquinas, que os carros fortes eram onças pardas ou os caminhões, tamanduás.

Macunaíma traria os germes do que poderíamos chamar com Lezama de “mestiçagem barroca”, que aproximamos do movimento de hibridização, ou seja, identidade como construção

que se narra sempre diferentemente, identidade como seqüência de identificações.

Para Otávio de Souza (1994), a busca da identidade brasileira é constante. Ingênua, em períodos como o romantismo, torna-se cientificista no final do século XIX. Retorna culturalista com os modernos e ganha teor revolucionário a partir da década de 50. Mantém-se hoje como tema, embora o sentido de busca se torne mais complexo pelos motivos já apontados.

O discurso de Macunaíma parece ocupar um lugar estratégico para a discussão contemporânea, quando procura não cair em radicalismos regionalistas, imagens idealizadas, nem nos deixar aprisionar no exotismo da diferença. A ficção de Mário aposta nas aclimações que podemos e devemos fazer dos aportes estrangeiros na construção do nacional enquanto barganha, troca. Em inúmeros livros de literatura dos anos 80 e 90, o que se vê é, ao contrário, um abrir mão da subjetividade individual, social e nacional para mergulhar numa espécie de minimalismo escriturístico, no qual se liquidam todos os níveis identitários, ou num mimetismo que se perde entre simulacros.

A confrontação entre hibridização e mestiçagem, possibilitada pela revisita do herói andradino metamórfico, teve como objetivo trazer elementos para a discussão que hoje se impõe em tempos de globalização.

Debatendo as idéias de Canclini sobre hibridização, Mabel Moraña (1998) chama a atenção para o perigo da banalização do conceito, que acabaria sinônimo de um neo-exotismo latino-americano, um boom da subalternidade uniformizada nas redes transnacionais.

Para a autora, enquanto os setores marginalizados e explorados perdem voz pelo enfraquecimento do modelo marxista em nível histórico e teórico, aflui o rosto multifacetado do índio, da mulher, do campesino, do lumpen, em música, vídeos, novelas etc. O perigo é a tentativa de transformação da empiria híbrida latino-americana em conceitos e princípios niveladores e universalizantes. A hibridização converte-se, então, em um dos estratagemas do pensamento pós-colonial, que desta forma reinscreve a América Latina num movimento de recentralização epistemológica. Desvirtuam-se o conceito de hibridização e o de

subalternidade, enquanto descontínuos e com graus variáveis de negociação, com os discursos hegemônicos. Os conceitos de multiculturalismo e diferença passariam a integrar o pastiche da pós-modernidade.

Segundo Mike Featherstone, por outro lado, mais que a emergência de uma cultura global unificada, existe uma vigorosa tendência a que o processo de globalização propicie um estágio para as diferenças, abrindo uma vitrine mundial de culturas na qual os exemplos do exótico distante sejam trazidos diretamente para o lar provocando um entrechoque discordante de culturas (1997).

Portanto, cientes desses debates nos perguntamos sobre a produção de uma cultura que transite com estilo próprio, sem se tornar mediadora de um exotismo tropical. Cultura com seu imaginário de constelação, celeste (Macunaíma/Ursa Maior), cultura também da saúde e da pobreza. Identidade brasileira como projeto que inclui a falta e escapa assim de se tornar uma utopia européia.

Bibliografia

- ANDRADE, Mário de. Macunaíma - O herói sem nenhum caráter. São Paulo: Livraria Martins, 1976.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos - Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1996.
- _____. "El debate sobre la hibridación". In: Revista de crítica cultural, n.15. Santiago: Imprenta Andros, 1998, p. 42-47.
- _____. Culturas híbridas - Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano - Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura - Globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Nobel, 1997.
- LIMA, José Lezama. A expressão americana. Ed. Brasiliense, 1988. p. 31.
- MORAÑA, Mabel. "El boom del subalterno". In: Revista de crítica cultural, n.15. Santiago: Imprenta Andros, 1998, p. 48-53.
- RANCIÈRE, Jacques. Políticas da escrita. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- SOUZA, Otávio. Fantasia de Brasil - As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.
- VENTURA, Roberto. Estilo tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

*Nízia Villaça é Professora da ECO/UFRJ, Pesquisadora do CNPq, Coordenadora do Grupo de Pesquisa "ETHOS: comunicação, comportamento e estratégias corporais" e autora dos livros Cemitério de mitos - Uma leitura de Dalton Trevisan e Paradoxos do pós-moderno - Sujeito & Ficção.